

## Um Olhar sobre o Outro: a Carta de Pêro Vaz de Caminha

A escolha da carta de Pero Vaz de Caminha para documento base de um ensaio que intitulámos de «Um Olhar sobre o Outro»<sup>1</sup>, foi em muito determinada pelo privilégio nela concedido ao elemento humano, em detrimento de outros, nomeadamente, o espaço físico. Curioso notar, no entanto, a importância que este último assume na determinação da configuração somática dos indígenas e, ainda que implicitamente, da sua índole, denotando uma espécie de determinismo geográfico encontrado em toda a Antiguidade, p. ex., «(...) são como aves ou alimárias monteses, às quais faz o ar melhor pena e melhor cabelo que às mansas (...). Isto me faz presumir que não têm casas nem moradas a que se acolham, e o ar, a que se criam, os faz tais.» (p. 82)<sup>2</sup>

O privilégio concedido ao Outro reflecte quer a influência do Humanismo, quer o desejo de Caminha de, pelo ineditismo da narração, seduzir o monarca para um fim confesso (a obtenção do perdão do genro). De notar que, concomitantemente à influência do Humanismo, é possível identificar uma teia de outras influências, derivadas, nomeadamente, da Escolástica, da educação burguesa e, muito particularmente, do legado greco-latino (etnocentrismo<sup>3</sup>, ênfase no empírico) e do Renascimento.

O privilégio concedido ao Outro é também facilmente compreendido, se atendermos ser praticamente impossível a ele ficar indiferente num momento em que os Descobrimientos revelam ser o globo todo por inteiro povoado, ser o Outro mais numeroso do que até então se havia pensado (Barreto, 1989 b: 92) e haver

---

Joana Miranda é Assistente estagiária de Psicologia Educacional na Universidade Aberta. Está a preparar uma tese de mestrado sobre as atitudes dos portugueses face aos principais grupos étnicos existentes em Portugal.

<sup>1</sup> Sempre que se escrever o «Outro» (referente de alteridade), referir-nos-emos ao «Outro civilizacional», passando-se algo idêntico relativamente a o «Mesmo».

<sup>2</sup> Indicações bibliográficas que não incluam outros dados, remetem para a carta de Caminha, citada na bibliografia.

<sup>3</sup> O termo «etnocentrismo» é no ensaio entendido enquanto «atitude baseada na convicção de que o povo a que se pertence, com as suas crenças, tradições, valores, é um modelo a que tudo deve referir-se» (*Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto: Porto Editora), não apresentando conotações de natureza particularmente pejorativa.

regularidade física nesse Outro (por oposição às concepções da Antiguidade que remetiam o Outro para o domínio do infra-humano), p. ex., «Quem afirmar que vivem hoje gentes que tenham rosto de cão, ou de um só olho na testa, ou de mais de dois braços ou pés, é patranha e erro muito grande» (Frei Gaspar de S. Bernardino. *Apud* Barreto, 1989b).

Um outro factor não menos determinante na escolha da carta como documento de análise é o desejo de Caminha de tecer um olhar objectivo do Outro, p. ex., «(...) e creia bem por certo que, para lindar nem afeiar, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu» (p. 59). É tendo em mente esse desejo que o discurso se constrói com minúcia, visando a recolha do maior número de sinais, p. ex., «(...) dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta terra vi (...) o desejo que tinha de tudo vos dizer mo fez pôr assim pelo miúdo» (p. 97). Esta real obsessão de objectividade situa-se num plano radicalmente oposto ao fantasiar típico dos «Livros de Maravilhas» ou «Mirabilia» dos últimos séculos da Idade Média (Albuquerque, 1989: 133-143).

À procura de descrição da realidade com um máximo de objectividade está associada a quase total ausência de espanto com que essa descrição é feita, o que permite incluir a carta num primeiro tipo de escrita que adveio das primeiras abordagens que os portugueses e outros europeus fizeram de outros espaços e humanidades diversas, caracterizadas pela sua elementaridade, e que Urs Bitterli designa de «roce cultural» (Pinto, 1989: 227). É a aparente compreensão total da realidade (sem que deixemos de admitir a real perseguição de entendimento por Caminha) que fez com que a grande maioria dos historiadores aceitasse sem reservas este discurso intimista, coloquial e pretensamente modesto.

A concepção de Caminha de que a objectividade pode ser alcançada mediante recurso ao empírico (a carta constitui um verdadeiro «auto dos sentidos» (Pinto, 1989: 220), remonta a Aristóteles (não pretendendo reduzir Aristóteles à fixação em estruturas sensoriais). De notar que a ênfase no empírico revela-se uma necessidade, mais do que uma opção. A explosão informativa alcançada pelos Descobrimentos e o conseqüente questionar da validade do equipamento clássico-medieval, bem como a relativização do peso e do valor da herança cultural requeriam bases de conhecimento palpáveis.

O desejo de objectividade e a ênfase no empírico não impedem o desenvolvimento de um olhar etnocêntrico<sup>4</sup> ou, se preferirmos, eurocêntrico, cujas origens remontam à Antiguidade Clássica. De facto, a cultura grega tinha sido naturalmente etnocêntrica, fundamentando a sua superioridade na originalidade

---

<sup>4</sup> De resto, a «antropologia-geográfica» (um dos campos mais relevantes da cultura dos Descobrimentos) persegue uma objectividade de descrição do elemento humano que acaba por ser contaminada por uma racionalidade de centração.

do seu pensamento. Pensadores gregos, de Heródoto a Estrabão, passando por Aristóteles, tinham desde cedo teorizado a diferença entre o Mesmo e o Outro, defendido a manutenção dessa diferença, e tinham-na explicitado gradualmente, iniciando, assim, «(...) o percurso da construção racional da alteridade: diferenciação-identificação-diferenciação (...)» (Pinto, 1989: 217). Pouco a pouco, os herdeiros do legado greco-latino, foram-se fechando sobre si mesmos, o cristianismo foi-se tonificando como ideologia de resistência, numa procura de sobrevivência à ameaça exterior do islamismo, e, antes de físicas, as barreiras foram, de facto, culturais. As querelas entre os povos intensificaram-se, conduzindo a separações entre as diversas culturas que estiveram na base da constituição de uma teoria de alteridade que, quando descodificada, mais não é do que um conjunto de preocupações etnocêntricas. É neste contexto compreensível que, numa atitude de centração no Mesmo (por oposição ao ideal antropológico de descentração), o Outro possa ser perspectivado como negativo, p. ex., islão tomado como o absoluto contrário do mundo cristão, como positivo, porque composto pela imagem do Mesmo, p. ex., chinês aculturado pelos europeus ou como «tábua rasa», na qual é possível gravar o essencial da mensagem civilizacional portuguesa. É nesta última perspectiva que se posiciona o olhar de Caminha. Em Caminha, o Outro é remetido para um estado civilizacional já ultrapassado pelo Mesmo, para o plano de uma humanidade inferior, mais próxima da animalidade, p. ex., «(...) se esquivavam, como pardais, do cevadoiro» (p. 81), «(...) gente bestial, de pouco saber (...)» (pp. 81-82), «(...) aves ou alimárias monteses (...)» (p. 82).

Da comparação entre o Mesmo e o Outro resulta uma hierarquização, em que «os homens do mar» estão acima dos «homens da terra». No entanto, a preocupação em situar o Outro relativamente ao Mesmo reflecte, ainda que implicitamente, a necessidade do Outro para a definição da identidade do Mesmo.

Analisando a descrição que do Outro se faz na carta, é possível identificar dimensões mais privilegiadas e outras que o são menos. Com vista a identificar as dimensões do Outro, perspectivadas na carta, procedemos a uma análise de conteúdo, em que apenas as frases consideradas directa ou indirectamente ligadas à visão do Outro foram objecto de análise, não tendo, assim, a análise sido exaustiva.

No quadro 1 é apresentada a frequência das categorias e sub-categorias encontradas em cada dia de descrição.

Em termos gerais, os resultados encontrados denotam (v. quadro 1):

- Grandes diferenças na frequência total das descrições nos diversos dias (desde um valor de 6, no sétimo dia de descrição, até um valor de 54, no quarto dia).

**Quadro 1 – Frequências das Categorias e Sub-Categorias em cada dia de descrição**

Categoria	Sub-Categoria	Indicador	Qui	Sex	Sab	Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	
1-Número		"...obra de sete ou oito..." (p. 62)	2	1	1	1	1	2	1	2	3	14
2-Cor		"Erão pardos..." (p. 62)	1	2	2	5	4			1		15
3-Nudez		"...todos nus..." (p. 62)	2	3	5	3						13
4-Acessórios		"Nas mãos traziam arcos com suas setas." (p. 62)	1	6	6	3	2	3		1		22
5-Amistosidade/ /"Agressividade"	a-Amistosidade dos portugueses	"...lhes fez sinal que pousassem os arcos." (p. 62)	1	3	2	5			2	2	1	16
	b-"Agressividade" dos portugueses	"...tomou dois daqueles homens da terra..." (p. 64)		1		1						2
	c-Amistosidade dos tupis	"...sem implicarem nada com ele para fazer-lhe mal." (p. 75)			6	8	2	4	1	4	3	28
	d-Receio dos tupis	"E saídos não pararam mais..." (p. 69)			1	8	2					11
6-Obediência		"E eles os pousaram [arcos]." (p. 62)	1	1	2	1				1	6	
7-Comunicação Verbal	a-Dificuldade de comunicação	"Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento..." (p. 62)	1		1	1						3
	b-Excesso de comunicação	"Era já a conversação deles conosco tanta que quase nos estorvavam..." (p. 86)					1					1
8-Ofertas	a-Dos portugueses aos tupis	"Dou-lhes somente um barrete..." (p. 62)	1		3	4	2			1	2	13
	b-Dos tupis aos portugueses	"Um deles deu-lhe um sombreiro de penas" (p. 63)	1		1	3	3			2		10
9-Charact. físicas	a-Elogio	"...bons corpos..." (p. 64)		2	2	2	1		1	2		10
	b-Descrição	"Os cabelos seus são corredios" (p. 66)	2	2		2						6
10-Inocência		"não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas..." (p. 65)		3		1				2	2	8
11-Ausência de cortesia		"Mas não fizeram sinal de cortesia..." (p. 66)		1								1
12-Inferência sobre as riquezas da terra		"...como que nos dizendo que ali havia ouro." (p. 67)		2		1					1	4
13-Hábitos Alimentares	a-Desprezo pela comida dos portug.	"Não quiseram comer quase nada daquilo..." (p. 67)		4								4
	b-Descrição dos hábitos alimentares	"...e que lhes davam de comer daquela vianda..." (p. 85)					1			1		2
	c-Apreciação da comida dos portug.	"Comeram toda a vianda que lhes deram..." (p. 88)							1	3		4
14-Religião	a-Ausência de respeito pelos objectos de culto dos portug.	"Viu um deles umas contas de rosário, ... e lançou-as ao pescoço." (p. 67-68)		2								2
	b-Receptividade ao Cristianismo	"...seriam logo cristãos..." (p. 90)								3	5	8
	c-Ausência de Religião	"...não têm, nem entendem em nenhuma crença." (p. 90)								1		1
15-Saúde		"E com isto andam tais e tão rijos..." (p. 91)				2			1		3	
16-Habitat	a-Ausência	"...não têm casas nem moradas..." (p. 82)				2						2
	b-Descrição	"...senão umas choupaninhas de rama verde..." (p. 82)					1	5				6
17-Ausência de Agricultura e Pecuária		"Eles não lavram nem criam." (p. 91)								2	2	
			13	33	32	54	24	9	6	29	17	217

- Frequências muito diferentes em cada dia de descrição, nas diferentes categorias.
- Não se consegue identificar uma tendência genérica de evolução da frequência das categorias ao longo dos diferentes dias de descrição. Assim, encontram-se categorias em que:
  - há uma certa homogeneidade de frequências nos diferentes dias de descrição, p. ex., 1-Número, 6-Obediência e 9a-Elogio das características físicas.
  - as descrições são pontuais, p. ex., 5b-«Agressividade» dos portugueses.
  - as descrições surgem essencialmente nos primeiros dias de descrição, sendo pouco frequentes nos últimos, p. ex., 2-Cor, 3-Nudez, 4-Acessórios, 5d-Receio dos tupis, 7a-Dificuldade de comunicação verbal e 9b-Descrição das características físicas. Nas categorias 2, 3, 4, e 9b esta tendência pode ser explicada pelo facto de os elementos em causa já terem sido descritos nos primeiros dias, ou seja, do aspecto físico do Outro já ter sido apropriado. No caso das categorias 5d e 7a as descrições diminuem, porque o contacto se intensifica. Assim, com a intensificação do contacto, o receio dos tupis deixa de ter sentido e a dificuldade de comunicação verbal deixa de ser tão nítida.
  - as descrições surgem essencialmente nos últimos dias de descrição, p. ex., 13c-Apreciação da comida dos portugueses. Com a intensificação do contacto, os tupis passam a apreciar mais a comida dos portugueses. Não é de facto a comida em si que se modifica, mas a aceitação//apreciação do português que está implícita a uma maior receptividade aos seus alimentos.
- Frequências muito diferentes nas diversas categorias (valores desde 1 em 7b-Excesso de comunicação verbal, 11-Ausência de cortesia e 14c-Ausência de Religião até 28 em 5c-Amistosidade dos tupis).
- As maiores frequências são, em geral, encontradas em categorias relativas a elementos de descrição física dos tupis, p. ex., 2-Cor, 3-Nudez, 4-Acessórios, o que denota o privilégio atribuído por Caminha a esta vertente.
- Outras categorias que também apresentam frequências elevadas são 1-Número, 5a e 5c, respectivamente, Amistosidade dos portugueses e dos tupis e 8a-Ofertas dos portugueses aos tupis.

Algumas das categorias merecem-nos determinadas considerações:

### **Número**

Apesar de em todos os dias de descrição ser tecida pelo menos uma referência ao número de indígenas presentes em cada situação, não é feita qualquer estimativa relativamente ao número total de indígenas existentes. Estudos posteriores a este respeito não são consistentes. Frédéric Mauro (*Apud* Mattoso, 1989: 200) estima em um milhão a população indígena existente aquando da chegada de Cabral. Pierre Clastres (*ibidem*) refere valores mais elevados: um milhão e meio de guaranis e possível número idêntico de tupis (apesar da dificuldade em delimitar a sua região)<sup>5</sup>.

### **Cor**

São tecidas referências quer à cor natural dos tupis, quer às suas pinturas. Nesta categoria (tal como em algumas outras) é notável o grau de pormenorização da descrição, a sacralização do pormenor, p. ex., «Entre elas andava uma com uma coxa, do joelho até ao quadril, e a nádega toda tinta daquela tintura preta; e o resto, tudo da sua própria cor. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés (...)» (p. 79).

### **Nudez**

Caminha fica fascinado com a nudez dos indígenas, e este constitui um dos poucos domínios perante os quais mal consegue disfarçar a sua admiração.

A beleza física da mulher indígena é exaltada, e revelada a expressão de uma nova sensualidade. Este é também um dos poucos domínios em que, da comparação entre portugueses e indígenas, se conclui da superioridade dos últimos, p. ex., «(...) e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela» (p. 72).

A referência à nudez é frequentemente associada à inocência, p. ex., «Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas, e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto.» (p. 65).

### **Acessórios**

Este é, tal como referido relativamente à categoria «cor», um domínio em que se encontra a exacerbação do pormenor, p. ex., «Ambos traziam os beijos de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, do compri-

---

<sup>5</sup> Para além dos tupi-guaranis com os quais os portugueses entraram em contacto e a que se refere a carta, existia ainda no Brasil, aquando da chegada de Cabral, a tribo dos tapuias (Mattoso, 1989).

mento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita como roque de xadrez, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber.» (p. 65-66).

### **Amistosidade / «Agressividade» dos portugueses e dos tupis**

A consideração das referidas sub-categorias permite comparar a descrição que se faz do Mesmo e do Outro a este nível.

— Apesar das duas referências a uma certa «agressividade» dos portugueses para com os tupis, é, tal como seria de esperar, a sua amistosidade que é realçada.

— Referências à amistosidade dos tupis são curiosamente mais frequentes do que à dos portugueses. De facto, de comparações pontuais a este nível, conclui-se da maior amistosidade dos indígenas, p. ex., «Andavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós andávamos entre eles.» (p. 90). O reconhecimento explícito ou implícito da superioridade dos tupis não só a este nível como a outros (p. ex., beleza física, saúde), demonstra que a visão do Outro não representa uma visão incondicionalmente negativa (este aspecto será posteriormente desenvolvido neste ensaio).

O comportamento dos indígenas é bipolarizado — amistosidade/receio. Com o evoluir da descrição aumentam e diminuem, respectivamente, as referências à primeira e ao segundo. A bipolarização existe, inclusivamente, num mesmo momento de descrição, p. ex., «Alguns aguardavam; outros afastavam-se (...). Passaram além tantos dos nossos, e andavam assim misturados com eles, que eles se esquivavam e afastavam-se. E deles alguns iam-se para cima onde outros estavam.» (p. 78), ou, ainda, «Bastará dizer-vos que até aqui, como quer que eles um pouco se amansassem, logo duma mão para a outra se esquivavam, (...)» (p. 81). À medida que o contacto portugueses-tupis se intensifica, o receio desaparece (notar que no quadro 1 só se encontram referências a receio até ao quinto dia da descrição).

Independentemente da amistosidade, identificam-se pontuais momentos de tensão passíveis de conduzir a um desencadear de agressividade, p. ex., «Ali por então não houve mais fala nem entendimento com eles, por a berberia deles ser tamanha que não se entendia nem ouvia ninguém.» (p. 71).

### **Características físicas**

Na sub-categoria «descrição» foram apenas considerados os elementos que não se podiam incluir nas demais categorias apresentadas referentes a aspectos de ordem física.

As características físicas dos indígenas são exaltadas «(...) os corpos seus são tão limpos, tão gordos e formosos, que não pode mais ser.» (p. 82) e, como

já referido, da comparação entre o Mesmo e o Outro a este nível, resulta a superioridade do Outro.

### **Inferência sobre as riquezas da terra**

Apesar de a categoria não se revelar muito significativa (quatro referências), não se pode deixar de notar que ao interesse pelo Outro não está meramente subjacente uma curiosidade antropológica, mas também uma intenção — perceber se conhecia o ouro e se o tinha. O facto de logo no início da carta se proceder a uma apropriação verbal do novo espaço, «(...) ao monte alto o capitão pôs nome — o MONTE PASCOAL — e à terra — a TERRA DA VERA CRUZ.» (p. 61), não nos permite, de facto, falar num verdadeiro interesse antropológico, mas antes num desejo de domínio. Este facto parece revelar que o novo Mundo só interessava, na medida em que era passível de ser traduzido na linguagem do Mesmo. Tendo o Mesmo o privilégio da palavra, o Outro é irremediavelmente condenado ao mutismo (Silva, 1989: 12).

De notar que a categoria apresenta uma frequência muito menor do que, p. ex., a referente à religião, o que parece indiciar uma maior preocupação com este domínio do que com o lucro material que pudesse vir a ser obtido.

### **Hábitos alimentares**

Com o progressivo conhecimento mútuo, desaparece o desprezo dos indígenas pela comida dos portugueses e surge inclusivamente a apreciação da mesma. O desprezo/apreciação pelos hábitos alimentares surge, assim, como elemento tradutor do olhar sobre o Outro.

### **Religião**

É evidente a convicção cristã e católica de Caminha, que o fez propor (e quase impor) ao Rei uma política de catequese, uma política ecuménica de expansão do ideal religioso, que se traduz:

— numa inferência abusiva, relativamente à ausência de religião nos indígenas, p. ex., «(...) por onde nos pareceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração têm.» (p. 95).

— na inocência apresentada, como determinando de *per se* a facilidade de conversão à religião católica, p. ex., «Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença.» (p. 90).

— no excesso de optimismo na conversão, p. ex., «E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza.» (p. 95).

Se considerarmos que a religiosidade constituía, então, o bilhete de identidade civilizacional, poder-se-iam esperar mais referências a esta categoria.

## Habitat

A descrição do habitat está bem afastada da realidade, que hoje sabemos tratar-se de «maloca, ou habitação colectiva, de comprimento variável de acordo com o número de moradores, e de largura constante. Nelas podiam viver entre cinquenta a duzentas pessoas, estreitamente aparentadas entre si (...)» (Mattoso, 1989: 200). Incorreções existem também na suposição de uma vida económica assente na recollecção e de ausência de actividade agrícola, quando, de facto, a vida assenta primordialmente na agricultura (horticultura) e, complementarmen- te, na caça, pesca e recollecção.

Tem-se neste ensaio procurado veicular uma ideia que consideramos fundamental — Caminha, enquanto porta-voz do olhar do povo português, descreveu o Outro, os tupis, de uma forma tão neutral e largamente determinada pelo contexto cultural em que se inscrevia, e isto apesar de ao seu trabalho ter estado subjacente uma intenção explícita de objectividade e um desejo de estreita ligação ao empírico.

No âmbito desta perspetivação subjectiva, o Outro foi, não apenas descrito, como também posicionado face ao Mesmo, e colocado numa posição genericamente inferior. Num estado civilizacional já ultrapassado pelo Mesmo, de hábitos e falar estranho, esse Outro não é, no entanto, tão negativamente descrito como se poderia, *a priori*, esperar, e, em determinadas dimensões, nomeadamente a nível físico, chega a ser reconhecido como superior ao português.

Apesar de a superioridade do Outro, em relação ao Mesmo, só ser reconhecida relativamente a categorias provavelmente não especialmente valorizadas pelo sistema de valores do português (categorias relativas ao aspecto físico, amistosidade, inocência, e não, p. ex., a características culturais), tal facto não deve ser negligenciado. A própria consideração de que o Outro está num estado civilizacional já ultrapassado pelo Mesmo pressupõe que pode vir a alcançar o estado de desenvolvimento do Mesmo, e que, assim sendo, não está tão afastado do Mesmo como uma primeira análise poderia levar a considerar.

Pode admitir-se ser o reconhecimento de alteridade essencial para a identidade (negar a relação identidade/alteridade seria negar qualquer dos termos da mesma), ou seja, pelo que o Outro é, ou não é, chega-se à definição do que se é. Para que a identidade se possa afirmar, é paradoxalmente necessário que se esteja pronto para renunciar a uma relação exclusiva consigo mesmo. O mito de Narciso ilustra o facto de que a paixão ilimitada por si próprio, a recusa do Outro, desemboca na auto-destruição.

Para que a identidade se desenvolva, é necessário reconhecer o Outro como diferente, mas provavelmente não como excessivamente diferente, o que tornaria qualquer comparação impraticável.

Com o reconhecimento da subjectividade do olhar, não se pretende questionar o valor literário e documental da carta comumente exaltado, p. ex., «É o primeiro documento da história da grande nação brasileira, seu auto de nascimento, e, simultaneamente, a primeira notícia que ao mundo se dava do Novo Mundo.» (Guerreiro, 1985: 20). Não o pretendemos inclusivamente fazer, dado reconhecermos a universalidade da recusa de alteridade. Sem dúvida que também no olhar dos indígenas sobre o Outro, sobre o português, este foi reduzido ao Mesmo e integrado no Mesmo. Apesar de não dispormos de dados a este nível nos tupis, dispomos da visão que outros povos, em estados de desenvolvimento próximo do dos tupis, tiveram dos portugueses. Worsley (*Apud* Horton; Hunt, 1981: 47), p. ex., descreveu a avaliação dos nativos da Nova Guiné: «Os europeus não eram considerados como todo-poderosos, mas sim gente patética e ignorante, que facilmente se deixava enganar e roubar. Sua ignorância de feitiçaria era lamentável. (...) falavam muito mal as línguas indígenas; por que uma pessoa há-de preocupar-se em tentar compreender sua fala grosseira?». Esta questão da forma como os 'descobertos' perspectivam os 'descobridores' pouco estudada pelos ocidentais, reveste-se de particular interesse a nível das civilizações pré-Colombianas, dado estas terem estado durante milénios afastadas do resto do Mundo (v., p. ex., a este respeito, Wachtel, 1971, ou ainda, Désveaux, 1988).

A recusa da alteridade também não é, decerto, exclusiva do momento histórico dos Descobrimentos ou de um nível civilizacional do olhar.

Relativamente à exclusividade do momento histórico, podemos considerar que, independentemente dos discursos actuais sobre respeito por todos os seres humanos, diversos autores consideram que as diferenças étnicas tendem a acentuar-se (v., p. ex., Roosens, 1989: 17). Esta tendência poderá ser explicada, atendendo a que, numa época de declínio da autoridade, a unidade étnica constitui uma das poucas formas organizacionais que proporciona estabilidade.

Análises de olhares etnocêntricos do Outro poderiam ser tecidas com base em muitos outros documentos situados em outros momentos históricos, provavelmente com conclusões essencialmente similares.

Apesar de o olhar desenvolvido aquando da descoberta do novo Mundo apresentar características específicas decorrentes do facto de constituir um primeiro olhar, o velho Mundo continuou a desenvolver, depois do choque inicial, um determinado olhar sobre o novo Mundo.

Relativamente ao facto de o fenómeno não ser exclusivo do nível civilizacional de análise, podemos considerar a extensibilidade a outros níveis,

nomeadamente o grupal (v., p. ex., estudos de Caplow, citado por Horton; Hunt, 1981: 47), que demonstram que os membros de dada organização tendem a sobrestimar o prestígio da organização a que pertencem) e o individual. A este nível, os estudos actuais da Psicologia Social sobre estereótipos (v., p. ex., Tajfel, 1969) valorizam especialmente os fenómenos cognitivos subjacentes ao processo, nomeadamente os fenómenos de categorização e de correlação ilusória.

Mais interessante do que reconhecer a universalidade da tendência para a recusa da alteridade é encontrar essa mesma tendência na atitude nos homens da ciência. Esta tendência é facilmente encontrada em autores como Durkheim, cuja teoria sociológica, baseada na oposição radical entre solidariedades mecânica (característica dos povos primitivos) e orgânica (característica da sociedade moderna), mais não reflecte do que a distinção entre o Outro (indiferenciação interindividual) e o Mesmo (privilégio da diferenciação proporcionada pela diversidade profissional). É também identificável na tendência do especialista de hoje, quando este tende, p. ex., a adoptar a perspectiva dos grupos hierarquicamente superiores de uma dada sociedade, ou a concluir da supremacia de determinadas sociedades relativamente a outras que remete para estados civilizacionais inferiores.

Referimos ser a alteridade essencial para a definição da identidade, para a identificação com categorias (e não apenas com uma categoria civilizacional<sup>6</sup>).

Pertencendo o indivíduo simultaneamente a diferentes categorias, pode nele existir uma hierarquia de identidades, e preferir determinadas identidades relativamente a outras. Com o tempo, a hierarquização pode ser modificada, podendo ainda, num dado contexto, dada identidade ser mais relevante do que outras (em Caminha é a identidade civilizacional que assume destaque).

A própria identidade civilizacional, ao determinar as situações em que o indivíduo se envolve, pode condicionar outras identidades, havendo, no entanto, situações em que não se revela significativa.

Independentemente do tipo e grau de identidade em causa, é indiscutível que a identificação com dada categoria proporciona ao indivíduo um sentimento de segurança psicológica, de pertença, particularmente importante quando este se confronta permanentemente com membros de categorias diferentes da sua. A nível da identidade civilizacional, este fenómeno é particularmente notável em cidades como Nova Iorque e Paris. De facto, segundo Barth (*Apud* Roosens, 1989: 12), o grau em que um grupo se perspectiva enquanto grupo étnico

---

<sup>6</sup> De notar a subjectividade da designação «identidade étnica» (ou civilizacional), a qual se pode referir a uma multiplicidade de fenómenos, desde o que Gans, 1979 (*Apud* Roosens, 1989: 19), designou de «etnicidade simbólica», e que se manifestaria superficial e temporariamente, até ao empenhamento do líder que organiza uma luta interétnica.

umenta quando há contacto espacial, geográfico e social entre grupos, sendo o grupo mais isolado aquele que menos se define em termos étnicos. Percebe-se do referido, que, num contexto de perpétuo encontro do Outro como o dos Descobrimentos, a identificação étnica tenha sido essencial.

A nossa admissão da universalidade do fenómeno de identidade não é incompatível com o reconhecimento da existência de indivíduos que, a título excepcional, rejeitam a sua pertença a determinadas categorias, segundo processos que requereriam um nível de análise não contemplado neste ensaio.

Gostaríamos de observar, em termos de conclusão, que a negação da alteridade ou o etnocentrismo (no sentido considerado) presentes no olhar, se situam a um nível não comportamental. Há que estabelecer a distinção entre o processo universal, diríamos, necessário, de negação de alteridade (necessário, porque fundamental para a constituição da identidade do Mesmo) e um etnocentrismo entendido no sentido pejorativo do termo, segundo o qual a negação da alteridade resulta na consequente anulação/destruição do Outro. Raciocinando em termos de binómio identidade/alteridade, a destruição do Outro, ao implicar o seu desaparecimento, impossibilitará a relação identidade/alteridade, e terá necessariamente implicações a nível da primeira. Segundo este raciocínio, a destruição do Outro redundaria, em última instância, numa certa forma de auto-destruição.

## Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, L. (1989) — *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*, Lisboa, Publicações Europa-América.
- BARRETO, L. F. (1987) — *Os Descobrimentos e a Ordem do Saber. Uma análise sociocultural*, Lisboa, Gradiva.
- BARRETO, L. F. (1987a) — «As grandes obras portuguesas de carácter geográfico», in ALBUQUERQUE, L. (org.) — *Portugal no Mundo*, Lisboa, Alfa, vol. 4, 45-59.
- BARRETO, L. F. (1989a) — «A incidência dos Descobrimentos no aparecimento de uma mentalidade renascentista», in ALBUQUERQUE, L. (org.) — *Portugal no Mundo*, Lisboa, Alfa, vol. 4, 94-104.
- BARRETO, L. F., (1989b) — «As viagens marítimas e a nova visão do mundo e da natureza», in ALBUQUERQUE, L. (org.), *Portugal no Mundo*, Lisboa, Alfa, vol. 4, 86-93.
- Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil*, Mem Martins, Publicações Europa-América.

- CASTRO, S. *et alii* (1985) — *Contribuiti sulla genesi della idea di Brasile*, Pádua, Universidade de Pádua.
- DÉSVEAUX, E. (1988) — «Déstin colectif et récit individuel. L'exemple des Indiens de Big Trout Lake», in *L'Homme*, Paris.
- DROIXH, D.; GOSSIAUX, P. P. (1985) — *L'homme des Lumières et la découverte de l'autre*, Bruxelas, Editions de L'Universitté de Bruxelles.
- EIBL-EIBESFELDT, I. (1970) — *Amor e Ódio*, Lisboa, Livraria Bertrand.
- GUERREIRO, M. Viegas (1985) — *A carta de Pêro Vaz de Caminha lida por um etnógrafo*, Belmonte.
- HORTON, P. B.; HUNT, CH. L. (1981) — *Sociologia*, São Paulo, McGraw-Hill do Brasil.
- MATTOSO, C. F. (1989) — «Primeiro contacto com terras brasileiras», in ALBUQUERQUE, L. (org.) — *Portugal no Mundo*, Lisboa, Alfa, vol. 3, 198-208.
- PINTO, J. Rocha, (1989) — «A viagem. Memória e Espaço», in *Revista de História Económica e Social*, Cadernos, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora, nºs 11-12.
- ROOSENS, E. E. (1989) — *Creating Ethnicity. The process of Ethnogenesis*, Londres, Sage Publications, vol. 5.
- Os Sete Únicos Documentos de 1500, conservados em Lisboa, referentes à viagem de Pedro Álvares Cabral* (1940), Lisboa, Agência Geral das Colónias.
- SILVA, J. C. Gomes da (1989) — *L'identité volée*, Bruxelles, Université de Bruxelles.
- TAJFEL, H. (1969) — «Cognitive aspects of prejudice», in *Journal of social issues*.
- WACHTEL, N. (1971) — *La vision des vaincus*, Paris, Editions Gallimard.